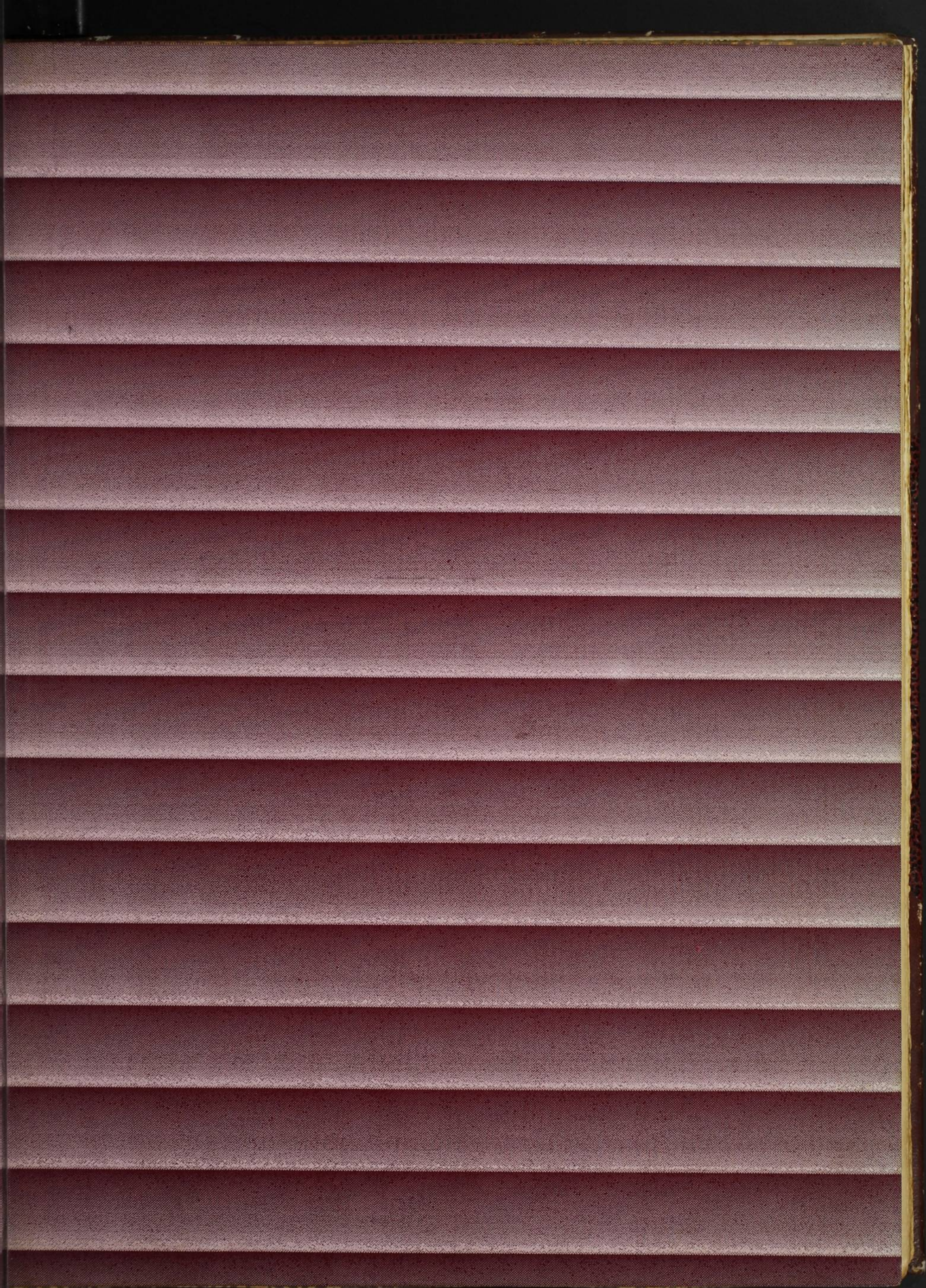




Je ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, *Des livres*)

Ex Libris
José Mindlin

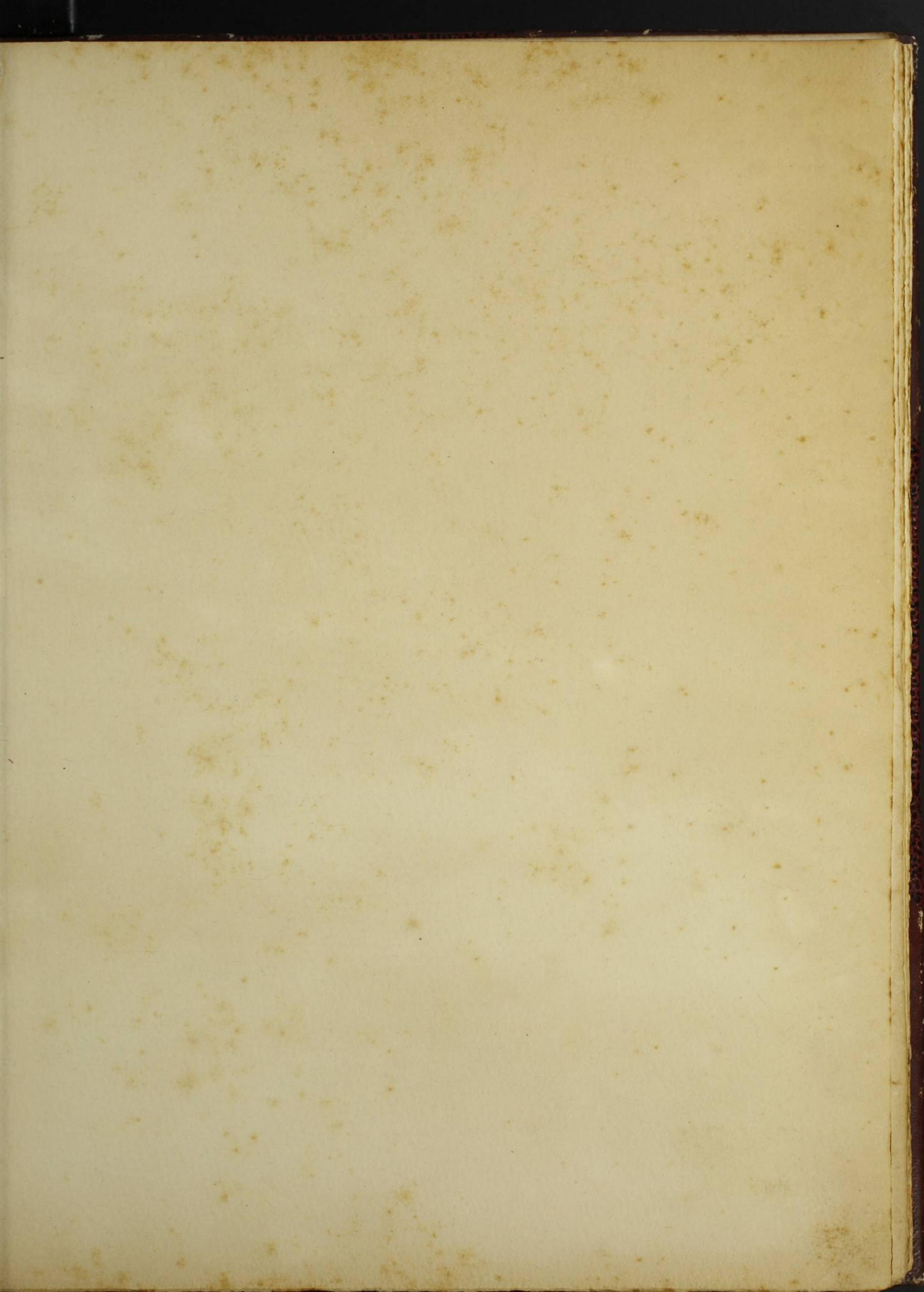


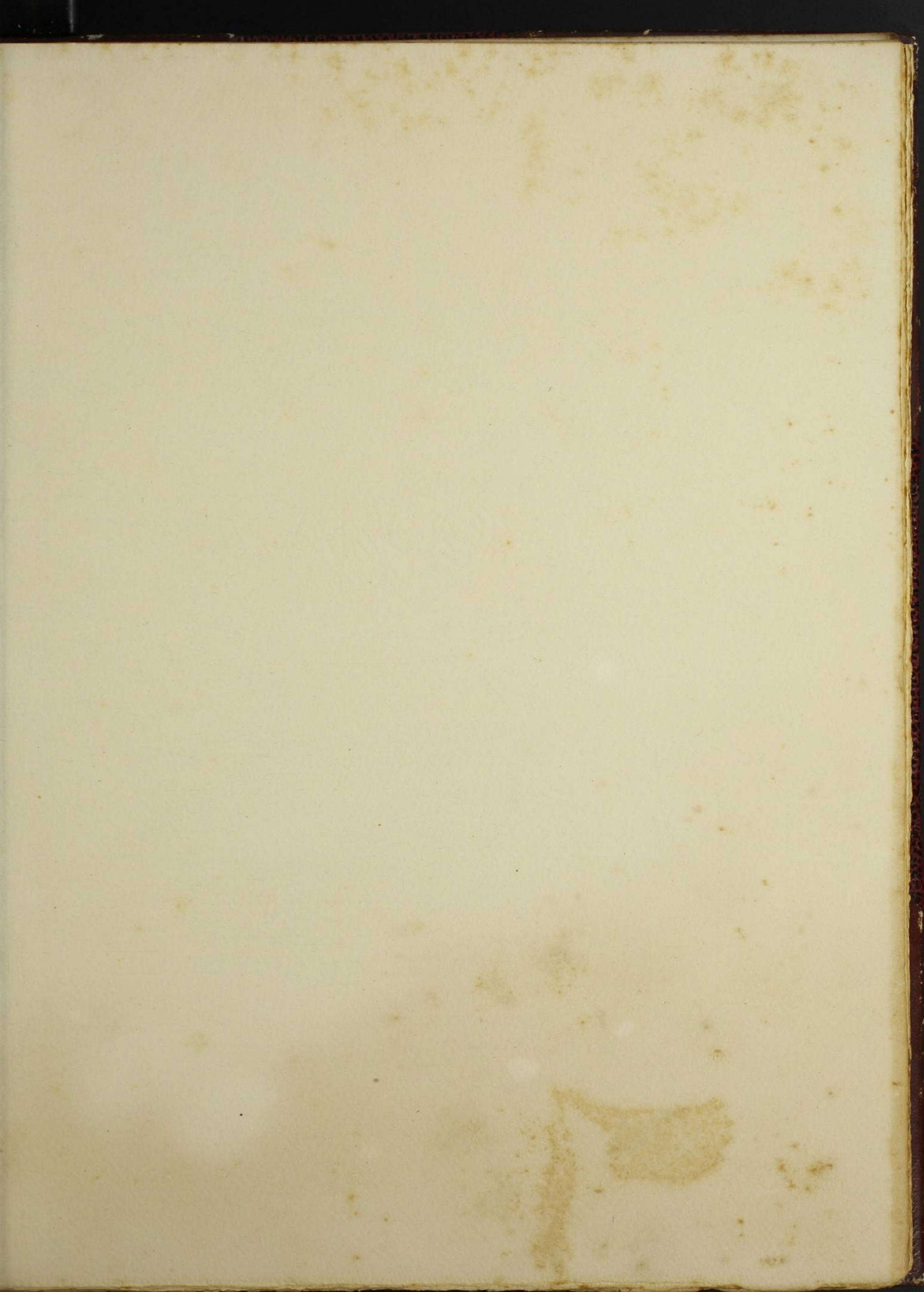
70-

ed

esp vol

CORES PERFUMES
E SONS





Do seu muito querido amigo

Abelardo, com

um afetuoso abraço do

João Leal

CORES PERFUMES
E SONS

Barcelona, 14-7-948





OSORIO DUTRA

CORES PERFUMES
E SONS

POEMAS
DE BAUDELAIRE

O LIVRO INCONSÚTIL

BARCELONA MCMXLVIII

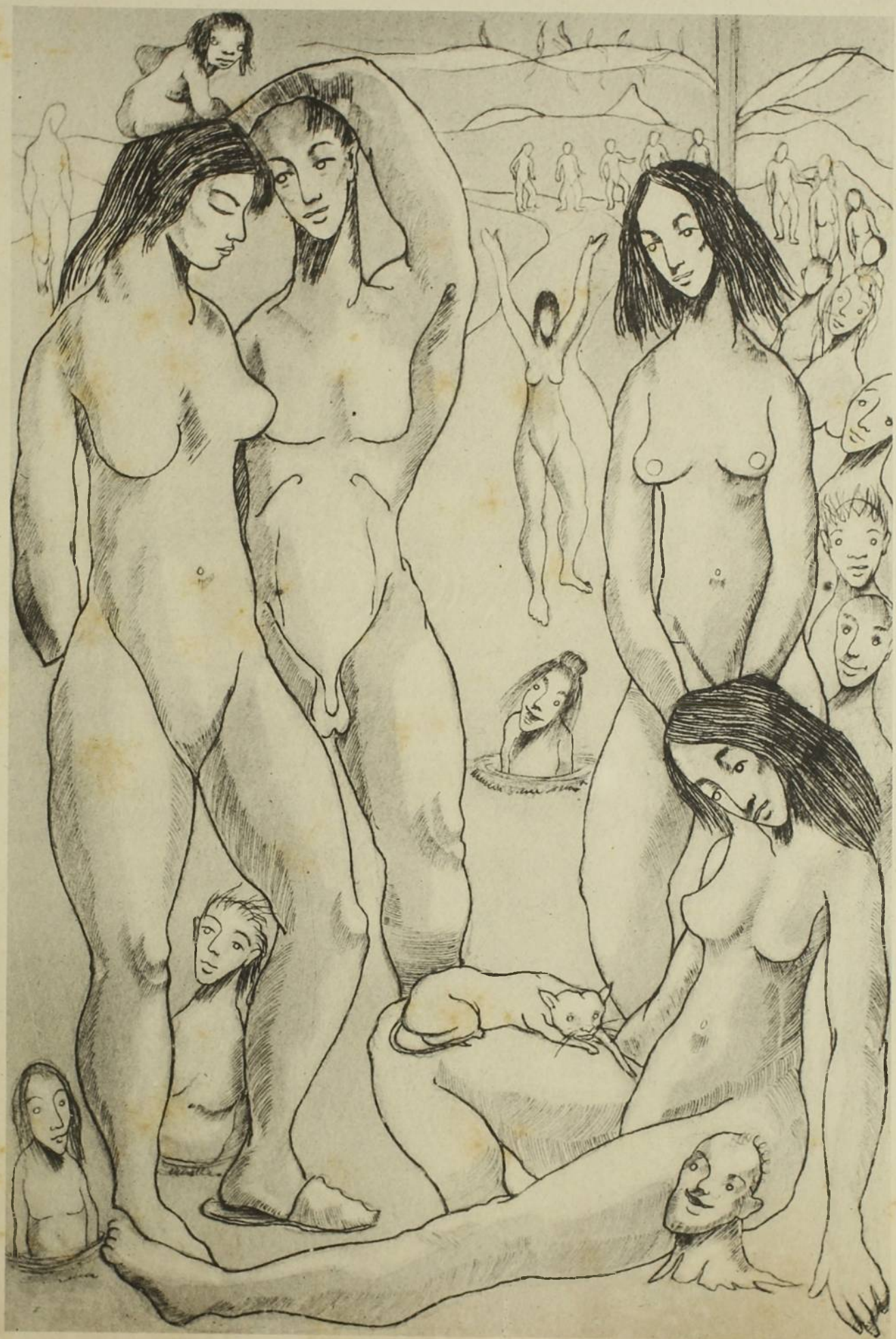
ILUSTRADOS
COM
11 DESENHOS
DE
GARCIA VILELLA

A

JOÃO PINTO DA SILVA

e

JOÃO CABRAL DE MELO NETO



CORES PERFUMES
E SONS

ELEVAÇÃO

ACIMA dos marnéis, das planícies floridas,
Das nuvens, dos vulcões, das montanhas, dos mares;
Do outro lado do sol, dos astros milenares,
Muito além dos confins das esferas perdidas,

Tu te moves, ó meu espírito fegoso,
E, como o nadador que as vagas aprofunda,
Rompes alegremente a imensidão fecunda,
Buscando na volúpia um indizível gôzo.

Distancias-te bem dos miasmas deletérios,
Vais te purificar no ar leve e superior,
E bebes, como um puro e divino licor,
Essa flama que envolve os espaços etéreos!

Despresando as paixões, as lágrimas e as penas
Que pesam sôbre a paz da existência brumosa,
Feliz o que transpõe, de uma asa vigorosa,
As largas amplidões e as distâncias serenas!

Feliz o que, por fim, tal como a cotovia,
Leva aos céus matinais um projeto em seu dorso,
— E paira sôbre a vida, e traduz sem esforço
A linguagem da flor e da matéria fria!

A BELEZA

Sou formosa, ó mortais! como um sonho pungente,
E meu seio, que se abre a todos para a dor,
Se fez para inspirar o mudo e eterno amor
Que tenha da matéria a dureza inclemente.

Reino dentro do azul, esfíngica e lunar;
Um coração de neve uno às calmas brancuras;
Odeio o movimento, adoro as linhas puras,
E ninguém me viu rir, nem tão pouco chorar.

Os poetas, em razão das grandes atitudes,
Que procuro emprestar aos velhos monumentos,
Consumirão o tempo em austeras virtudes.

Pois para fascinar seus dóceis pensamentos,
Tenho, como um cristal que a beleza traduz,
Meus olhos largamente abertos para a luz!

CORRESPONDENCIA

A natureza é um templo em que vivos pilares
Trocam, de quando em vez, esquisitas mensagens;
O homem, nessa floresta, anda através de imagens
Que o seguem, sem querer, com olhos familiares.

Como os ecos sem fim, que à distância se escondem
Na mesma tenebrosa e profunda unidade,
Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade,
Os perfumes, os sons e as côres se respondem.

Há perfumes que são como as crianças franzinas,
Doces como os oboés, verdes como as campinas,
— E outros há triunfais, ricos e corrompidos,

Tendo a larga expansão do infinito, do imenso,
Assim como o benjoim, a malva, âmbar e o incenso,
Que celebram, cantando, o espírito e os sentidos.

O INIMIGO

Foi minha mocidade uma insana voragem,
Que teve, a atravessá-la, os sóis mais deslumbrantes;
As chuvas e os trovões fizeram tal pilhagem,
Que poucos frutos há nos galhos vacilantes.

Eis que sinto, no outono, as idéias marcadas,
E preciso empregar diversos instrumentos
Para plantar de novo as terras inundadas,
Varridas pelo horror dos fluidos elementos.

E quem sabe se a flor juvenil do meu sonho
Achará neste solo esgotado e tristonho
A mística ilusão que lhe dava vigor?

— Ó dor! Ó grande dor! A vida não se explica,
E o inimigo tenaz que destrói todo amor,
Do sangue que nos foge é que se fortifica!

O AZAR

PARA um labor de tanto surto,
Sisifo, só tua coragem!
Aos homens que já não reagem,
A arte é bem longa e o tempo é curto.

As velhas glórias evitando,
Meu coração – tambor velado –
Num cemitério abandonado,
Funebrenmente vai rufando.

Quanto primor dorme enterrado,
Ao grande olvido condenado,
Longe das foices e das sondas!

E quanta flor espalha, a medo,
Como um perfume, o seu segredo,
Dentro das solidões hediondas!

DE PROFUNDIS CLAMAVI

IMPLORO o teu perdão, ó meu único amor,
Do abismo onde caíu meu coração um dia.
Nesse universo morno o céu não tem poesia
E vagam pela noite a blasfêmia e o terror.

Seis meses paira em cima um sol já sem calor
E seis outros, depois, vem a treva reinar;
Esse país é nu como a terra polar,
Sem bosques, animais, nem córregos, nem flor!

Ora, eu não sei de horror no mundo que ultrapasse
A crueldade glacial de um sol no seu trespassse
E esta noite sem fim que se assemelha ao caos.

E a sorte invejo então dos quadrúpedes maus,
Que mergulham num sono estúpido e sombrio,
Tão lento desenrola o tempo o mesmo fio!



A VIDA ANTERIOR

Longo tempo morei sob pórticos altos,
Que os sóis, vindos do mar, tornavam luminosos,
E os pilares, depois, retos e majestosos,
Transformavam, à tarde, em grotas de basaltos.

As chuvas, refletindo as celestes imagens,
Misturavam, de um modo estranho e misterioso,
Os acordes sem fim do seu canto harmonioso
Ao doce por-de-sol dos meus olhos selvagens.

Foi bem lá que vivi, entre volúpias calmas,
Rodeado de azul, de vagas, de esplendores,
E dos escravos nus, impregnados de odores,

Que vinham me abanar a cabeça com palmas,
E tinham por razão como que aprofundar
O segredo mortal que me fazia usar.

BOEMIOS EM VIAGEM

A tribo patriarcal de pupilas ardentes
Ontem se pôs em marcha; e lá vai, carregando
Os filhos sôbre o dorso, ou, com prazer, lhes dando
A fonte maternal dos seus seios pendentes.

Os homens vão a pé, com armas reluzentes,
Os carros, pela estrada, agora, acompanhando,
Como que a interrogar os céus de quando em quando,
Transidos pela dor das quimeras ausentes.

Do fundo do reduto em que se esconde, um grilo
Redobra, mal os vê, seu cântico tranquilo,
E Cibele, que os traz dentro do coração,

Faz jorrar o rochedo e florir o deserto
Ante essas migrações, para as quais vive aberto
O império familiar das trevas que virão.

O IDEAL

Não serão nunca essas belezas de vinhetas,
Produtos arbitraris de um século inclemente,
Nem êsses níveos pés, essas mãos de etiquetas,
Que poderão vencer meu coração descrente.

Eu deixo a Gavarni, o poeta das nevroses,
Seu rebanho taul de graças de hospital,
Pois não posso encontrar, no meio dessas vozes,
Uma flor que responda ao meu rútilo ideal.

O que meu coração, fundo abismo, reclama,
Sois vós, Lady Macbeth, personagem de drama,
Sonho de Esquilo aberto às épocas pagãs,

Ou tu, noite nupcial, filha de Miguel Angelo,
Que te torces, tranquila, em poses alegóricas,
E te dás, encantada, à fúria dos Titans !

O BALCÃO

FONTE de evocações, amante das amantes,
Tu que és o meu dever, tu que és minha alegria,
Certo recordarás o encanto das carícias,
A doçura do sonho e a poesia das tardes,
Fonte de evocações, amante das amantes!

Tardes que um fogo brando iluminava apenas,
Ocasos no balcão, cobertos de um véu róseo...
Teu seio era tão bom! Teu coração tão puro!
Dissemos muita vez imperecíveis coisas,
Nas tardes que um brazeiro iluminava apenas!



Ah! como é belo o sol nas tardes estivais!
Como o espaço é profundo e o coração potente!
Sentindo o teu calor, rainha das amadas,
Julgava respirar o aroma do teu sangue.
Ah! como é belo o sol nas tardes estivais!

A noite se alargava à maneira de um manto.
Em plena escuridão via as tuas pupilas
E bebia o teu sôpro, ó doçura, ó veneno!
E dormiam teus pés nas minhas mãos fraternas!
A noite se alargava à maneira de um manto.

Tenho o dom de evocar os minutos felizes
E revejo o que fui achegado aos teus joelhos,
Porque, meu doce amor, onde achar a beleza,
A não ser no teu corpo e no teu coração?
Tenho o dom de evocar os minutos felizes!

Ó juras! Ó perfume! Ó beijos infinitos!
Renascereis do caos que nos é interdito,
Como galgam o azul os sóis resplandescentes,
Depois de mergulhar na imensidão dos mares?
Ó juras! Ó perfume! Ó beijos infinitos!

A GIGANTE

No tempo em que êste mundo, em peleja constante,
Nos dava, cada dia, uns filhos monstruosos,
Eu teria vivido aos pés de uma gigante,
Tal, junto a uma rainha, os gatos voluptuosos.

Gostaria de ver o corpo de tal dama,
Livre, desenvolver seus jogos perigosos,
Unindo, pelo amor, a sombra de uma flama
Ao nevoeiro que cerca os seus olhos ociosos;

Percorrer, à vontade, os seus belos contornos,
Saltar a imensidão de seus joelhos mornos,
E, depois, no verão, quando o sol, por mil meios,

A estendesse, vencida, através da campanha,
Dormir, indiferente, à sombra dos seus seios,
Como um burgo tranquilo aos pés de uma montanha.

PERFUME EXOTICO

QUANDO, em adoração, numa tarde de outono,
Respiro do teu seio o aroma delicioso,
Vejo desenrolar-se um remanso ditoso,
Sob a cintilação de um sol já no abandono.

Uma ilha preguiçosa e doce como o sono,
Com árvores que dão um fruto saboroso,
Homens de corpo esguio e aspeto vigoroso,
Mulheres cujo olhar, com franqueza, questiono.

Por teu odor levado ao clima de outros astros
Vejo um porto surgir, com velames e mastros,
Ainda batidos pelas vagas do alto mar.

Enquanto que o frescor de mil tamarindeiros,
Que circula no espaço e me leva a sonhar,
Se mistura, em minha alma, à voz dos marinheiros.

SONETO DE OUTONO

DIZEM-ME os olhos teus, claros como o cristal:

«Bizarro amante, qual a flama que me agita?»

– Cala-te e sê gentil. Meu ser, que tudo irrita,

Excetuado o candor do remoto animal,

Não quer te revelar seu mistério infernal,

Nem a sua legenda em fogo e sangue escrita,

Sereia cujo canto a um longo sono incita!

Abomino a paixão e o sonho me faz mal.

Amemos docemente. O amor, que é tôda a vida,

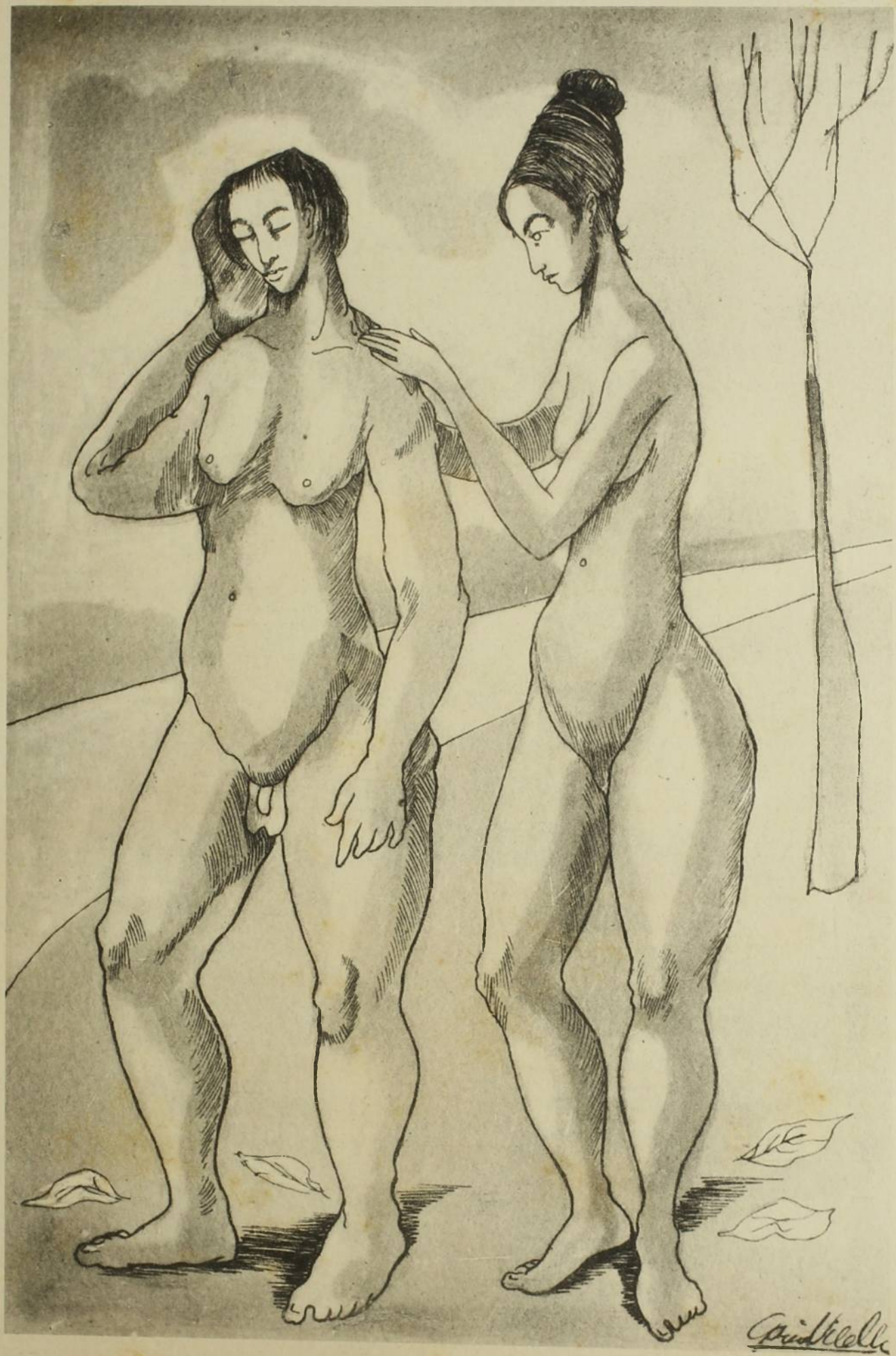
Tenebroso, embuscado, arma a flecha fatal;

Eu conheço os bastiões do seu velho arsenal:

Crime, horror e loucura! Ó doce margarida,

Não serás, como eu sou, uma chama outonal,

Ó minha branca, ó minha fria Margarida?



ADORO-TE à feição da abóbada noturna,
Ó vaso de tristeza, ó grande taciturna!
E te amo tanto mais quanto, bela, me foges,
E me pareces hoje, ornando as minhas noites,
Mais ironicamente acumular as léguas
Que afastam do meu braço as distâncias azúis!

Avanço para o ataque e caracolo aos saltos
Como se atira a um morto um punhado de vermes,
E bendigo, ó formosa implacável e má,
Até mesmo a algidez que ainda te faz mais bela!

A JUDIA

No leito, certa vez, de uma horrível judia,
Como junto de um morto outro morto estendido,
Pensei, vendo êsse corpo ao meu corpo vendido,
Na beleza lirial que de mim se desvia.

Imaginei então sua altivez sombria,
Seus olhos de vigor e de graças armado,
E o seu cabelo negro, ondeante e perfumado,
Cuja recordação me exalta e me inebria.

Porque eu teria amado o teu corpo, em verdade,
Abrindo dos teus pés às tuas longas tranças
O tesouro total das profundas bonanças,

Se uma noite, com duas lágrimas tranquilas,
Tu pudesses, tão só, rainha da impiedade,
Empanar o esplendor dessas frias pupilas!

A MULHER ESTERIL

Com seus vestidos ondulantes, nacarados,
Ao vê-la caminhar, diria que ela dança,
Como a serpente má que se contorce, mansa,
Na ponta do bastão dos faquires sagrados.

Como o azul do deserto e a areia dos palmares,
Insensíveis os dois a todo ser que pensa;
Como rola, encrespada, a cadência dos mares,
Assim ela desloca a sua indiferença.

Seus olhos têm a côr dos minerais cambiantes,
E nessa natureza estranha, um tanto fútil,
Em que um anjo se liga a uma esfinge bravia,

Em que tudo é fulgor, aço e luz e diamantes,
Resplandece a jamais, tal como um astro inútil,
Dessa estéril mulher, a majestade fria!

SPLEEN

PLUVIOSO, em furor contra a cidade inteira,
Lança, em vagas brutais, um frio tenebroso
Sôbre os que dormem já na terra hospitaleira,
Envolvendo, em seguida, o arrabalde brumoso.

Meu gato, pelo chão buscando uma liteira,
Agita sem parar seu corpo escrofuloso;
A alma de um velho poeta erra numa goteira,
Tendo a voz sideral de um fantasma nervoso.

O bronze se lamenta, e o tição, enfumado,
Acompanha, em falsete, o relógio oxidado,
Enquanto, baralhando as cartas e os odores,

Herança que lhes vem das épocas passadas,
O valete de copas e a dama de espadas
Recordam tristemente os seus mortos amores.



O ANJO DA GUARDA

QUE dirás esta noite, alma triste e dorida,
Que dirás, coração, outrora indiferente,
Á muito bela, à muito boa, à tão querida,
Cujo divino olhar te floriu de repente?

– Seguimos com orgulho os seus nobres arranjos,
Nada vale o pudor de sua autoridade;
Seu corpo espiritual tem o aroma dos anjos,
Nos seus olhos se estampa a excelsa claridade.

Seja dentro da noite ou da treva profunda,
Ou seja numa rua em grande barafunda,
O seu fantasma no ar dança num ritornelo.

Não raro fala e diz: «Sou formosa, e queria
Que pelo meu amor só amasses o belo;
Sou teu Anjo da Guarda, a Madona e a Poesia».

CAUSERIE

Vós sois um lindo céu de outono, claro e rosa!
Mas a tristeza em mim, como se fosse o mar,
Deixa, no seu refluxo, em minha boca ansiosa,
A lembrança cruel do seu fundo pesar.

– Debalde a vossa mão desliza em minha mão:
O que ela busca, amiga, é um sítio já pilhado
Pelo dente feroz da mulher-maldição.
Pensai que já morri; que já fui devorado.

Meu coração me lembra um palácio pressago,
Onde bêbedos, maus e loucos se juntaram.
– Em vosso colo nu anda um perfume vago!...

Beleza, mal atroz das almas! que procuras?
Com vossos olhos, onde brilham mil venturas,
Calcinai a ilusão que as feras me deixaram!

OS GATOS

Os amantes febris e os sábios solitários
Amam, de modo igual, quando lhes chega o outono,
Os gatos que no lar, julgando-se num trono,
São friorentos e bons, e também sedentários.

Amigos da volúpia e da ciência divina,
Devotos do silêncio e grandes orgulhosos,
Erebo os julgaria os seus corcéis fogosos
Se pudesse dobrar a altivez que os domina.

Assumem, ronronando, as nobres atitudes,
Estendidos no chão, das esfinges de argila,
Que parecem dormir num sonho que não finda.

Os seus fecundos rins têm mágicas correntes
E chispas de ouro em pó, como a areia mais linda,
Constelam vagamente os seus olhos ardentes.

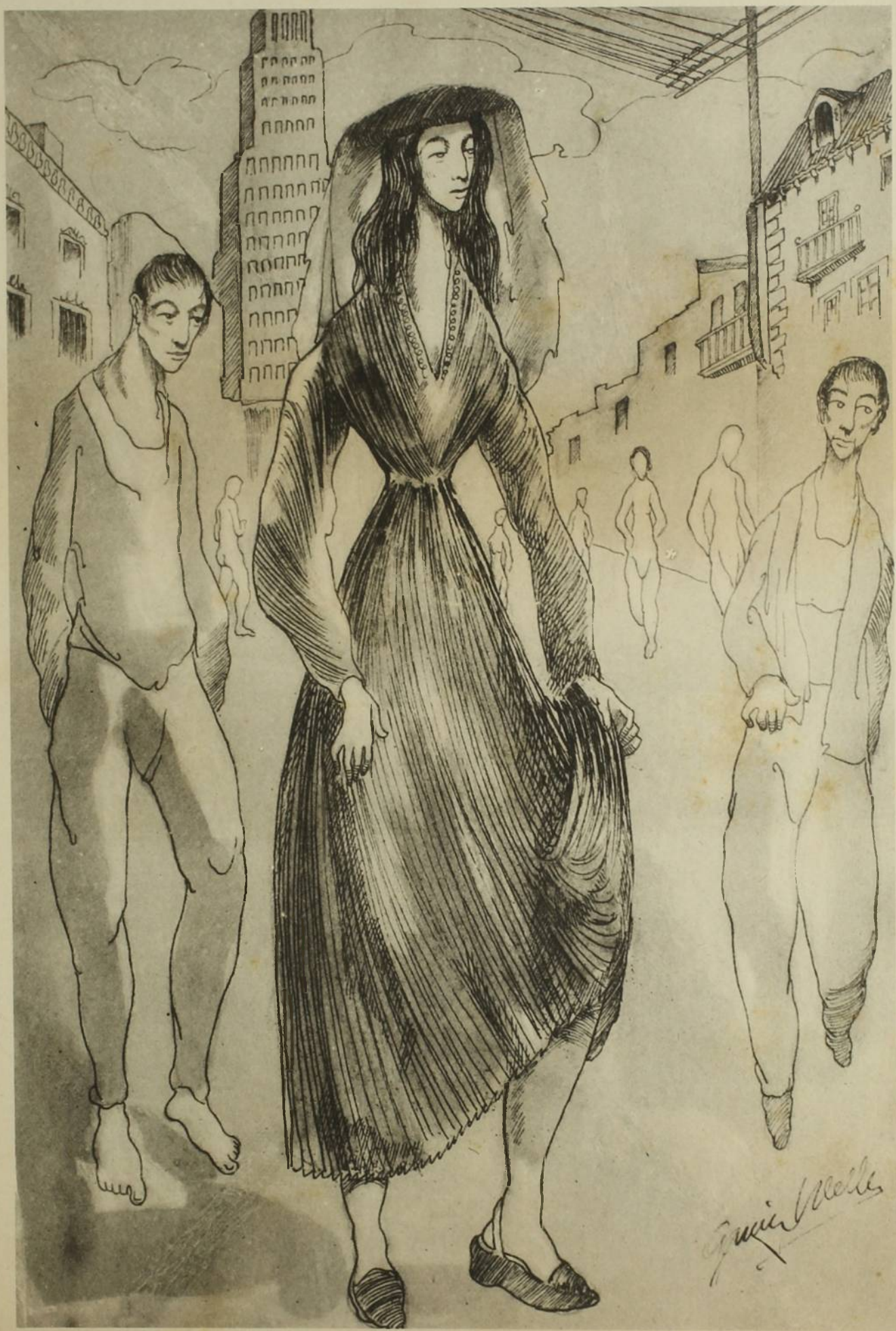
A UMA PASSANTE

O tumulto da rua em torno a mim crescia.
De luto, longa e fina – oh! que dor magestosa!
Passou essa mulher cuja mão recolhia
Os trêmulos festões da saia caprichosa.

Mostrava, ágil e nobre, a perna escultural,
Ao passo que eu bebia, excitado e sedento,
No céu do seu olhar batido pelo vento,
A doçura que embriaga e o prazer que faz mal.

Um clarão... Noite após! – Fugitiva beldade,
Cujo esplendor me fez, de chofre, renascer,
Só te verei de novo em plena eternidade?

Além, tarde talvez!... Jamais por onde vou,
Pois não sei quem tu és, tu não sabes quem sou,
Ó tu que o meu amor bem puderas saber!



CONVITE À VIAGEM

ALMA ingênua e pura,
Pensa na doçura
De irmos viver lado a lado,
Amar por prazer,
Amar e morrer
No país do teu agrado.
Os sóis encharcados
Dêsses céus queimados
Têm para mim os encantos
Dos teus olhos vivos,
Traidores e esquivos,
Brilhando envoltos em prantos.

Lá tudo é ordem, beleza,
Calma, volúpia e riqueza.

Móveis escolhidos,
Arcaicos, polidos,
O nosso quarto encheriam;
Os fortes odores
Das mais raras flores
Aos do âmbar se casariam.
Os fundos espelhos,
Os docéis vermelhos,
A magestade oriental,
Tudo falaria,
Lembrando a poesia
Da nossa terra natal.

Lá tudo é ordem, beleza,
Volúpia, calma e riqueza.

Sôbre êsses canais,
Dormem, colossais,
Barcos de humor vagabundo:
Para o teu desejo,
Como um longo beijo,
Vêm êles do fim do mundo.
Ocasos escampos
Revestem os campos
E a cidade que adormece
De jacintos e ouro.
Sonha o mundo em côro
Dentro da luz de uma prece.

Lá tudo é ordem, beleza,
Calma, volúpia e riqueza.

HARMONIA DA TARDE

Eis o tempo feliz em que, vibrando na haste,
Cada flor se desfaz numa nuvem de incenso;
Os perfumes e os sons giram no fim da tarde,
— Melancólica valsa e amorosa vertigem.

Cada flor se desfaz numa nuvem de incenso,
O violino me lembra um coração que chora;
Melancólica valsa e amorosa vertigem:
É belo e triste o sol como a luz de um altar.

O violino me lembra um coração que chora,
Um coração que odeia o nada negro e vasto!
É belo e triste o sol como a luz de um altar.
O sol já se afogou no seu lago de sangue.

Um coração que odeia o nada negro e vasto
Colhe do seu passado os últimos vestígios!
O sol já se afogou no seu lago de sangue...
Tua lembrança em mim é como um ostensório!

A MORTE DO POBRE

É a morte que consola e que nos faz viver;
É o epílogo da vida, e, também, a esperança,
Que, como um elixir, dentro de nós se lança,
Mostrando ao coração a arte de envelhecer.

Através da borrasca e da neve a cair,
É o clarão que se vê na linha do horizonte;
O pouso acolhedor que um guia nos aponte,
E onde, após bem comer, poderemos dormir.

É um anjo que contém nos seus dedos magnéticos
O descanso e o condão dos sonhos mais poéticos,
E que o leito refaz a milhões de vencidos.

É a glória que nos vem de Deus num grande voto,
A fortuna do pobre e o seu país remoto,
E o pórtico que se abre aos céus desconhecidos!



O SINO RACHADO

Aum tempo é doce e atroz, pelas noites de inverno,
Ouvir junto da luz da lâmpada que fuma,
Ao som dos carrilhões que bimbam na bruma,
A saudade distante e o seu cântico eterno.

Bendito seja o sino ardente e vigoroso,
Que apesar de rachado, alerta e sempre forte,
Lança com devoção seu brado religioso,
Como um velho soldado ao abrigo da morte!

Quando minha alma, pelas máguas consumida,
Desperta com seu canto a noite adormecida,
Sucedem muitas vezes que a sua voz sem côr

Lembra o arquejo de alguém que esquecemos ferido
Numa poça de sangue, entre mortos caído,
E morre sem um gesto ao fim de tanto horror.

OBSESSÃO

BOSQUES! eu vos comparo a imensas catedrais.
Como um órgão chorais; e em nossos corações,
Quartos de eterno luto, ouvem-se as vibrações
De um *De Profundis* que responde aos vossos ais.

Oceano! eu te abomino! Os teus velhos tumultos,
Sinto-os dentro de mim, pois êsse riso alvar
Do homem desiludido e coberto de insultos,
Eu os ouço no riso incansável do mar.

Noite, quero te ver, mas sem essas estrêlas,
Cuja luz fala, há muito, um idioma sabido.
O que eu procuro é o negro, o vasio, o abolido.

Mas as trevas também são sempre as mesmas telas,
Onde vivem, deixando os meus olhos, milhares
De seres mortos que me foram familiares.

OS CEGOS

CONTEMPLA-OS, minha dor! São todos horrorosos!
Perfeitos manequins, vagamente grotescos,
Terríveis, siderais, sonâmbulos, dantescos,
Jogando, não sei onde, os glóbulos tenebrosos!

Seus olhos, de onde a luz partiu sem mais cuidados,
Como se olhassem longe, elevam-se, cansados,
Ao céu. Ninguém os viu jamais sôbre as calçadas
Inclinar levemente as cabeças pesadas.

Atravessam assim a negra imensidade,
Essa irmã do silêncio eterno. Ó vil cidade!
Enquanto gritas, ris nesse bater de pregos,

Tomada de um prazer atroz e corrompido,
Olha! Eu também me arrasto, e, como êles vencido,
Pergunto: «O que no céu procuram tantos cegos?»

A VIAGEM

PARA a criança que adora os mapas e as estampas,
O universo equivale ao seu vasto apetite.
Ah! como é grande o mundo ao clarão de uma lâmpada!
Como é pequeno o mundo aos olhos da saudade!

Partimos, certo dia, acalentando um sonho,
Repleto o coração de desejos amargos,
E assim vamos, seguindo o compasso das ondas,
Confundindo o infinito e o finito dos mares.



Uns contentes de ver distante a pátria infame;
Alguns, o horror da infância pobre; outros, talvez,
Astrólogos servis de uns olhos de mulher,
A titânica Circe e os seus falsos amores.

Contra as fôrças do mal, de súbito, se embriagam
De amplidão e de luz e de céus abrasados;
O gêlo que os tortura e os sóis que os iluminam
Apagam lentamente a marca de mil beijos.

Mas os viajantes bons são aqueles que partem,
Imitando os balões, sòmente por partir,
E enfrentando o destino, e o que é nele fatal,
Sem que saibam porque, repetem sempre: Vamos!

Aqueles para os quais o desejo é uma nuvem,
E que sonham, tal como o conscrito na guerra,
Com volúpias sutis, cambiantes e ignoradas,
Cujo nome ninguém poudesaber jamais!

A FONTE DE SANGUE

SINTO, às vezes, correr meu sangue como um rio,
Tal soluça uma fonte, ao rolar na descida.
Ouço-lhe, quando escapa, o longo corrupio,
Nas não consigo achar, no meu corpo, a ferida.

Através da cidade – êsse campo fechado –
Avança, transformando em ilhas as calçadas,
Matando a sede má das almas torturadas,
E dando à natureza o fogo do encarnado.

Pedi, seguidamente, a vinhos capitosos,
Que acalmassem um dia o terror que me invade.
O vinho nos apura e nos faz luminosos.

Quis encontrar no amor um sono sem fagulhas,
Mas sinto o meu amor como um colchão de agulhas,
Feito para acolher mulheres sem piedade!

A MARMITA

ONDE vá sôbre a terra ou sôbre o mar profundo,
Sob um clima de fogo, inverno ou primavera,
Servidor de Jesus, cortesão de Citera,
Mendigo tenebroso ou Creso vacilante;

Na cidade ou no campo, ativo ou sedentário,
Seja o seu pensamento alentado ou aéreo,
Onde quer que se veja, enfim no mundo vário,
O homem há de encontrar o terror do mistério.

Em cima fica o céu – êsse muro, essa estufa,
Teto de encenação para uma ópera-bufa,
Onde cada escritor corre atrás da verdade.

Pavor do libertino, esperança do ermita,
O Céu cobre de negro a opulenta marmita
Em que bebe a irrisória e vasta Humanidade.

A DESTRUIÇÃO

SEM cessar, o Demônio ao meu lado se agita,
Gira em torno de mim como um ar impalpável;
Sinto que seu queimor os meus pulmões excita,
Enchendo-os de um desejo infinito e culpável.

Pelas Artes sabendo o meu culto indomável,
De uma linda mulher toma as formas radiantes,
E, buscando um pretexto, um clima favorável,
Meus lábios acostuma a filtros infamantes.

Vai-me levando, assim, longe do olhar divino,
Opresso e fatigado entre as mãos do destino,
Às planícies do tédio, imensas e desertas,

E nos meus olhos joga, além da confusão,
Andrajos, podridões e feridas abertas,
E o aparelho mortal da eterna Destruição!



O ABISMO

EM Pascal um abismo havia em movimento.

– Abismo é sempre tudo, – ação, desejo, sonho,
Palavra! E sôbre mim, quando a pensar me ponho,
Muitas vezes do medo ouço passar o vento.

Em baixo, em cima, além, profundidade e treva,
A imensidão que esmaga e o silêncio que dorme...
Dentro da Noite, Deus, quando seu dedo eleva,
Recorta um pesadelo estranho e multiforme.

Qual uma cova aberta, o sonho me apavora,
Cheio do vago horror que vai e vem, lá fora.
Perdido no infinito e em seus vagos prazeres.

Meu espírito busca a vertigem sonhada
E inveja a placidez insensível do nada,
– Ah! nunca mais sair das Cifras e dos Seres!

HINO

A muito amada, à muito bela,
Que enche meu ser de claridade,
Ao anjo que meu sonho vela,
A glória na imortalidade!

Ela se espalha em minha vida
Tal como um ar cheio de sal,
E, na minha alma dolorida,
Deixa um sabor espiritual.

Sachê de rosas que perfuma
Ampla reduto ermo e tristonho;
Calmo turíbulo que fuma
Dentro da noite do meu sonho;

Bago de almíscar invisível
Que me ilumina a eternidade,
Como êste amor incorruptível
Pintar com tintas de verdade?

Á muito amada, à muito bela,
Que enche meu ser de claridade,
Ao anjo que o meu sonho vela,
A glória na imortalidade!

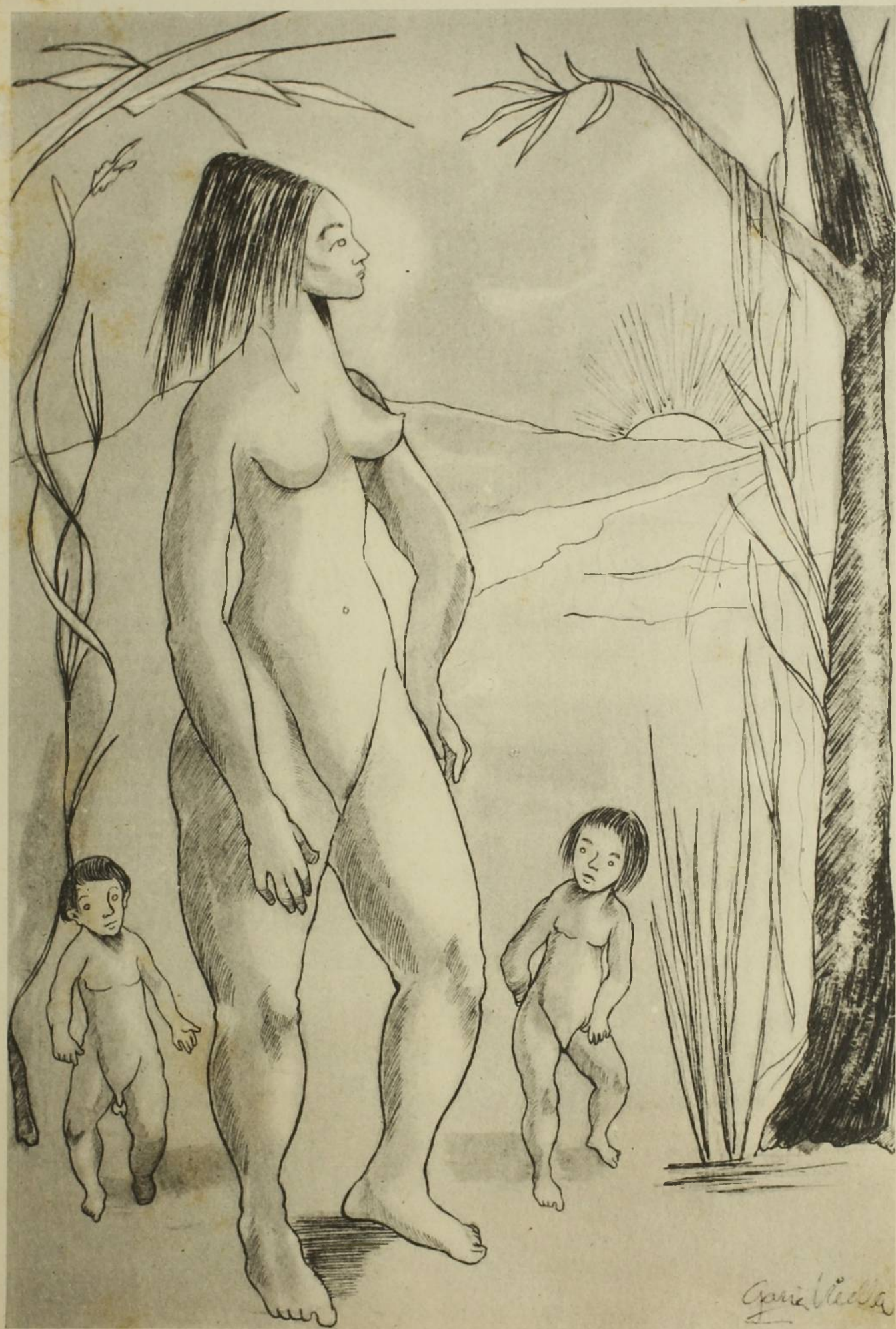
POR DE SOL ROMANTICO

AH! como é belo o sol quando, alto, se levanta,
Nos lançando a explosão do seu largo bom dia!
– Feliz aquêlê que, com amor e poesia,
Pode saudar seu fim na tarde que se adianta!

Lembro-me... Tudo vi, a flor, a fonte, o ninho,
Ante o seu esplendor palpitar de repente.
– Prossigamos a faina e corramos à frente
Para dizer-lhe adeus no extremo do caminho!

Mas debalde acompanho êsse rei do mistério;
A irresistível noite estende o seu império,
Negra, húmida, funesta e cheia de arrepios.

Um odor de sepulcro envolve a densa treva,
E eis que tocam meus pés, sôbre o lodo, uma leva
De lentos caracóis e de sapos sombrios.



RECOLHIMENTO

DESCANSA, minha dor! Busca a tranquilidade!
Reclamavas a Noite, e eis que ela te visita!
Um estranho torpor cinge toda a cidade,
Para uns trazendo a paz, para outros e desdita!

Enquanto dos mortais a turba vil e aflita,
Ao jugo do Prazer – carrasco sem piedade –
Vai remorsos colher na festa que palpita,
Anda cá, minha Dor, procura a soledade

Longe dêles! Contempla os Anos afastados,
Sôbre os balcões do céu, com vestidos mofados!
Surge da água profunda um Pesar sorridente !

O moribundo Sol da treva se avizinha...
Como longa mortalha a arrastar-se no Oriente,
Escuta, amiga, a doce Noite que caminha!

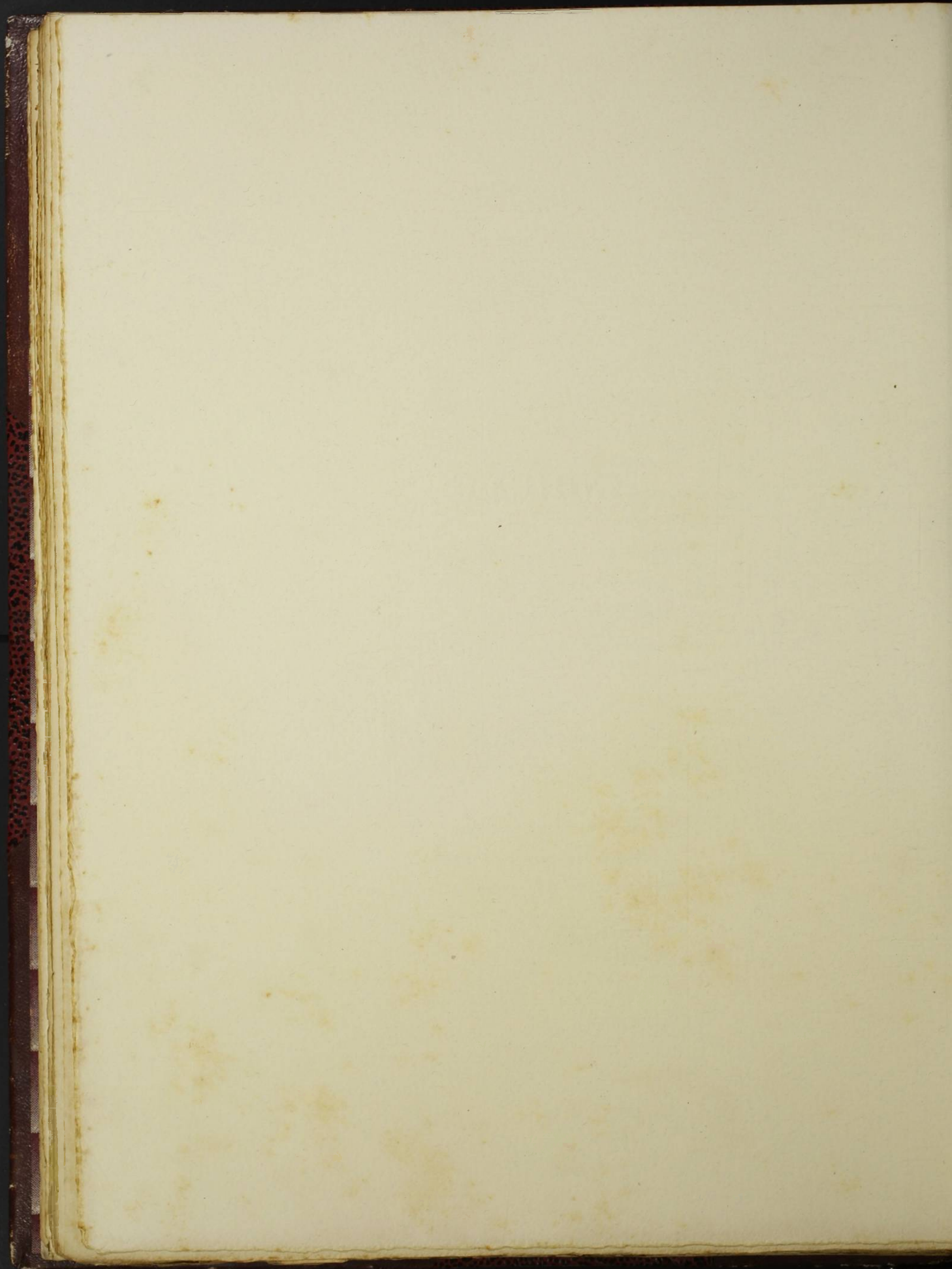
LEITOR pacífico e bucólico,
Ingênuo, sóbrio e mesmo lhano,
Joga êste livro saturniano,
Desabusado e melancólico.

Se não fores um bom retórico,
Como Satan, nosso decano,
Pensarás que sou desumano,
Ou julgarás que sou gongórico.

Mas se teus olhos, de vagar,
Podem no abismo penetrar,
Lê-me e serás meu grande amigo.

Homem que sofres e, indeciso,
Andas buscando o paraíso,
Ou tu me crês, ou te maldigo!

INDICE



<i>Elevação</i>	14
<i>A beleza</i>	16
<i>Correspondência</i>	17
<i>O inimigo</i>	18
<i>O azar</i>	19
<i>De profundis clamavi</i>	20
<i>A vida anterior</i>	21
<i>Boêmios em viagem</i>	22
<i>O ideal</i>	23
<i>O balcão</i>	24
<i>A gigante</i>	26
<i>Perfume exótico</i>	27
<i>Soneto de outono</i>	28
<i>Adoro-te à feição da abóbada noturna</i>	29
<i>A judia</i>	30
<i>A mulher estéril</i>	31
<i>Spleen</i>	32
<i>O Anjo da Guarda</i>	33
<i>Causerie</i>	34
<i>Os gatos</i>	35

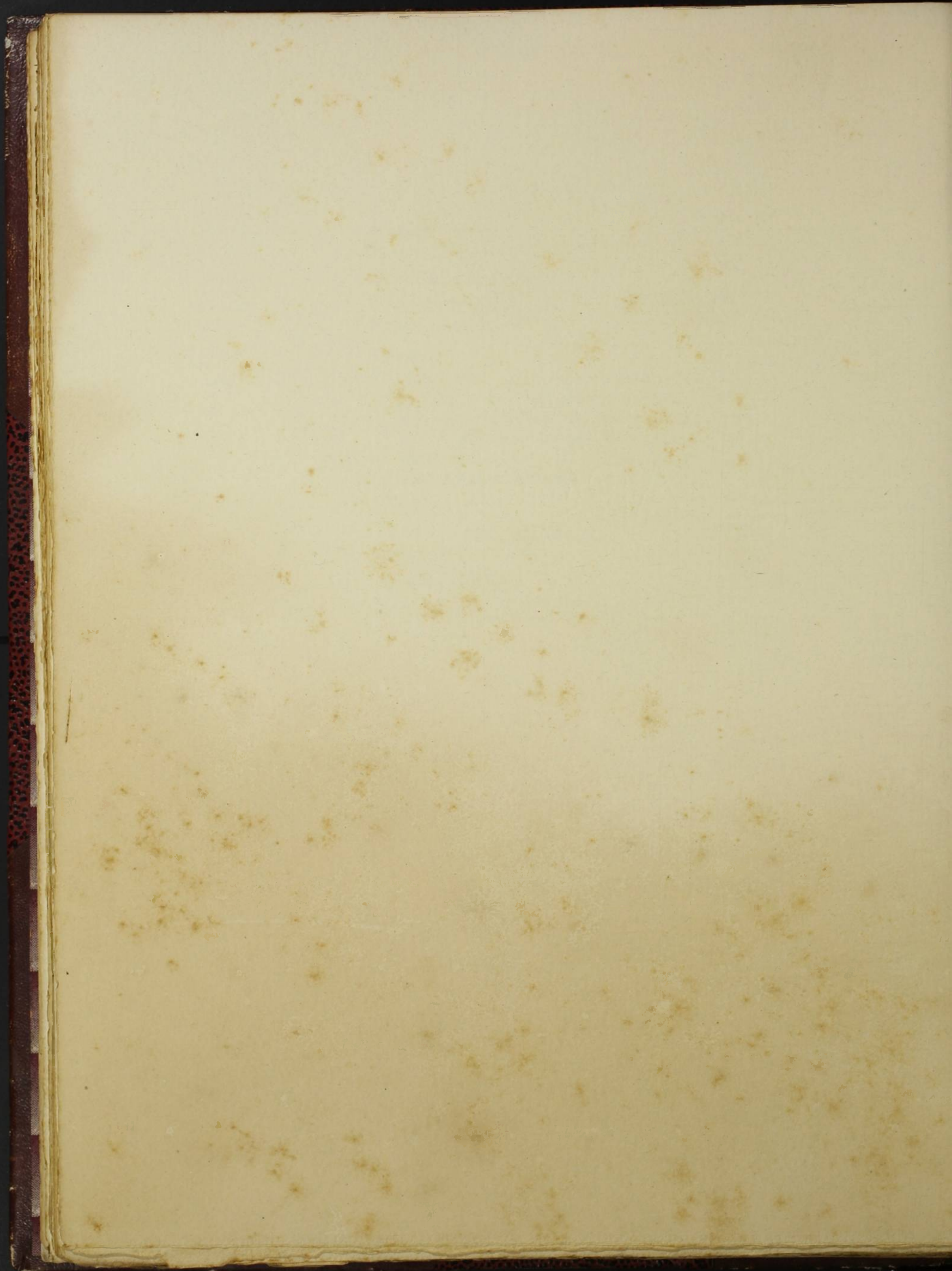
<i>A uma passante</i>	36
<i>Convite à viagem</i>	37
<i>Harmonia da tarde</i>	40
<i>A morte do pobre</i>	42
<i>O sino rachado</i>	43
<i>Obsessão</i>	44
<i>Os cegos</i>	45
<i>A viagem</i>	46
<i>A fonte de sangue</i>	48
<i>A marmitta</i>	49
<i>A destruição</i>	50
<i>O abismo</i>	51
<i>Hino</i>	52
<i>Por-de-sol romântico</i>	54
<i>Recolhimento</i>	55
<i>Leitor pacífico e bucólico</i>	56

ESTA EDIÇÃO CONSTA DE: ONZE EXEMPLARES MARCADOS DE a A k, COM O ORIGINAL DE UM DOS DESENHOS QUE ILUSTRAM O TEXTO; NOVENTA EXEMPLARES, DE 1 A 90; TODOS EM PAPEL DE LINHO E ASSINADOS PELO AUTOR

Exemplar *no.* 49

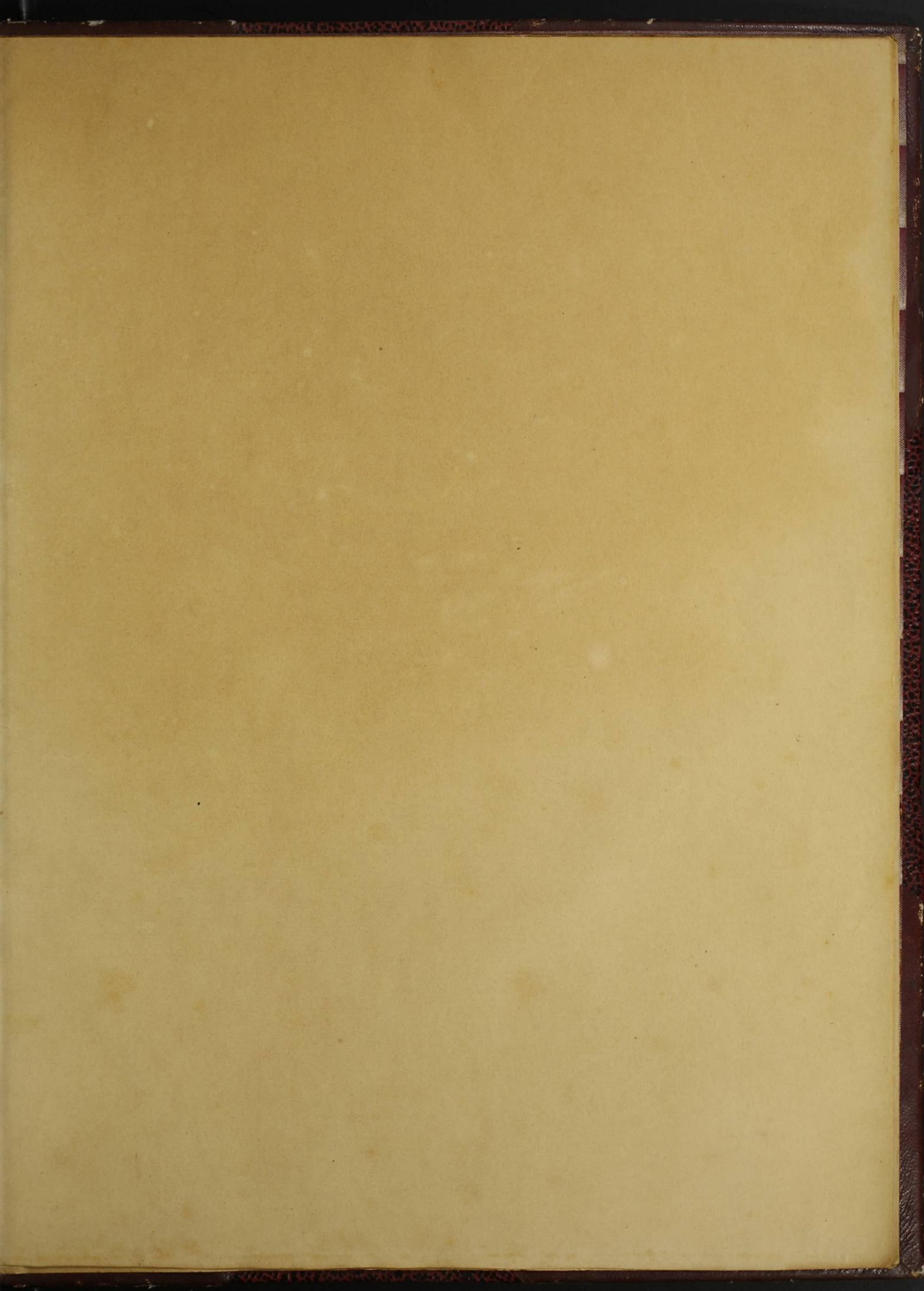
Gloria J. Anty

JOÃO CABRAL DE MELO
IMPRESSOR









19345

